
Retrogrupoperfilometria – Proposta Técnica de Aplicabilidade

Retrogroup-profilometry – Technical Proposal of Applicability

Retrogrupoperfilometría: Propuesta Técnica de Aplicabilidad

Flavio Camargo

flaviocamargo@gmail.com

Leonardo Silva

leonardosilva@gmail.com

Patrícia Patrício

patricia.p.cmps@gmail.com

Resumo

O presente artigo trata de análise conscienciométrica para estudo do perfil de grupos sociais do passado. A fundamentação tem base na abordagem das qualidades atributológicas e dos traços do corpo social representado pelos sacerdotes egípcios. Como subsídio histórico utilizou-se bibliografia científica de reconhecido valor. O Conscienciograma é o instrumento utilizado na avaliação. A metodologia consistiu na leitura das obras e seleção das passagens que evidenciam os atributos e os traços grupais dominantes. O estudo ampara-se na aplicação da métrica consciencial nos grupos históricos e fornece base para o cotejo com o mapa de avaliação conscienciométrica do auto-pesquisador. O trabalho é composto por Introdução; Contextualização histórica e geopolítica do Egito Antigo e dos sacerdotes egípcios; Fundamentação Retrogrupoperfilométrica e Conclusão.

Abstract

This article studies the profile of past social groups through a conscienciometric analysis. The rationale is based on the approach of the attribute related qualities and the traits of the social body represented by Egyptian priests. As historical support a recognized scientific bibliography was used. The Conscienciogram is the instrument used in the evaluation. The methodology consisted of reading the works and selecting the passages that highlight the dominant attributes and group traits. The study is based on the application of the consciencial metrics in the historical groups and provides basis for the comparison to the self-researcher's conscienciometric evaluation map. The work consists of an Introduction; Historical and geopolitical contextualization of Ancient Egypt and the Egyptian priests; Retrogroup-profilometry Rationale and Conclusion.

Resumen

Este artículo aborda el análisis conscienciométrico para estudiar el perfil de grupos sociales del pasado. El fundamento se basa en el enfoque de los atributos y rasgos del cuerpo social representado por los sacerdotes egipcios. Como subsidio histórico utilizamos literatura científica de reconocido valor. El conscienciograma es el instrumento utilizado en la evaluación. La metodología consistió en leer los trabajos y seleccionar pasajes que resalten los atributos y rasgos dominantes del grupo. El estudio se basa en la aplicación de la métrica consciencial en los grupos históricos y proporciona una base para la comparación con el mapa de evaluación de conscienciométrica del autopequisador. El trabajo consiste en Introducción; Contextualización histórica y geopolítica del antiguo Egipto y los sacerdotes egipcios; Justificación y conclusión retrogrupoperfilométrica.

Palavras-chave: 1. Sacerdotes Egípcios. 2. Heteroconscienciométrica. 3. Técnica de análise retrogrupoperfilométrica.

Keywords: 1. Egyptian Priests. 2. Heteroconscienciometry. 3. Retrogroup-profilometric analysis technique.

Palabras-clave: 1. Sacerdotes Egipcios. 2. Heteroconscienciométrica. 3. Técnica del análisis retrogrupoperfilométrica.

Especialidade: Conscienciometrologia.

Specialty: Conscienciometrology.

Especialidad: Conscienciometrología.

Materpensene: Análise Conscienciométrica do Perfil dos Sacerdotes Egípcios.

Matherthosene: Conscienciometric Analysis of Egyptian Priests' Profile.

Materpensene: Análisis Conscienciométrica del Perfil de los Sacerdotes Egipcios.

INTRODUÇÃO

Objetivos. O objetivo deste artigo é apresentar técnica retrogrupoperfilométrica de levantamento de grupo social, sociedade e civilização, com base em técnica conscienciométrica, avaliando os atributos, traços homeostáticos consolidados (trafores) e os traços nosográficos (trafares).

Metodologia. A metodologia desenvolvida foi a leitura aprofundada de obras historiográficas da civilização egípcia, seguida da seleção de trechos indicadores da forma como o grupo coletivamente se manifestava (estilo de vida, comportamentos sociais, metas, desejos, ambições e valores) e evidenciadores dos atributos e traços conscienciais, fortes e fardos.

Ferramenta. Quando se trata da matematização da consciência a Consciencimetrologia traz várias ferramentas facilitadoras da mensuração. Atualmente o Conscienciograma, conta com 2000 mil questões para a pessoa interessada em aprofundar na autopesquisa.

Desenvolvimento. Ao longo da seriéxis as consciências não desenvolveram a consciencialidade isoladas do contato com outras consciências. O vínculo consciencial necessário para a superação das interprisões grupocármicas e o desenvolvimento de laços de afetos ou desafetos facilitam a perscrutação dos atributos e traços grupais, possibilitam a autolocalização histórica face ao contraponto do próprio mapa conscienciométrico ao mapa conscienciométrico grupal.

Análise. Ao olhar conscienciometricamente para os grupos do passado e para a consciência hoje, por hipótese, é possível concluir que os traços manifestos hoje pela pessoa podem ter sido desenvolvidos dentro de determinado grupo no passado.

Relevância. O estudo, em especial, da influência das retrovidas sobre o desenvolvimento consciencial é relevante e revelador. Os traços e atributos são desenvolvidos nessas convivências.

Especificidade. A medida específica do quanto os grupos desenvolvem os traços da pessoa quando ela participa deste não é tão clara, existem poucas ferramentas de medição.

Lacuna. A ausência de ferramentas para medir os perfis grupais e o impacto na intraconsciencialidade abre campo para o desenvolvimento de nova subespecialidade a *Retrogrupoperfilometria* é subcampo da consciencimetrologia.

Objetivo. A análise técnica deste artigo demonstra como o holopensene de determinado grupo impacta no desenvolvimento e evolução das consciências.

Estrutura. O desenvolvimento do artigo está estruturado em 4 partes: Introdução, Contextualização histórica e geopolítica do Egito, Retrogrupoperfilometria, Fundamentação da retrogrupoperfilometria e Considerações finais.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E GEOPOLÍTICA DO EGITO ANTIGO

Localização. A civilização conhecida como antigo Egito desenvolveu-se às margens do Rio Nilo, no Nordeste da África, por volta de 3000 a.e.c, cercado ao leste pelo deserto Árábico, a Oeste pelo deserto da Líbia, além do Mar Vermelho, ao Sul pela Núbia e a Norte pelo Mar Mediterrâneo onde deságua o Nilo; e se consolidou com a unificação política dos *nomos* (povoados) no Reinado de Menes.

Civilização. Durante a existência mantém continuidade nas formas políticas, artísticas, literárias e religiosas; e é caracterizada pela agricultura pujante, criação de animais, escrita, arquitetura, forma de go-

verno centralizada, religiosidade profunda, crença na imortalidade da alma e da vida após a dessoria, para a qual precisam do corpo físico preservado.

Timeline. Os 3000 anos de história do Antigo Egito são didaticamente conhecidos como: Período Pré-dinástico ou anterior à unificação (3100–2575 a.e.c); Reino Antigo (2575–2134 a.e.c), também conhecido como a “Era dos Construtores de Pirâmides”; Reino Médio (2040–1640 a.e.c) e Novo Reino (1550–1069 a.e.c), marcados pela estabilidade política, prosperidade econômica e florescimento artístico; intercalados por Períodos Intermediários de relativa instabilidade.

Auge. A civilização atingiu o ápice durante o Novo Reino, identificada como era cosmopolita, graças às campanhas expansionistas do faraó Tutmés III.

Declínio. O Egito estendia-se desde a Núbia, até o rio Eufrates. Depois do renascimento na 25ª dinastia, entra em lento declínio e acaba dominado por sucessão de potências estrangeiras como os impérios Persa, Grego e Romano.

Término. O governo dos faraós termina oficialmente em 30 a.e.c. após a derrota da faraó Cleópatra na Batalha de Alexandria, quando o Egito passa ao domínio do Império Romano e se torna província.

População. Viveram no Egito no Reino Antigo entre 100.000 e 200.000 conscins; no Reino Novo entre 2.900.000 e 4.500.000; e no período Greco-Romano entre 7.000.000 e 7.500.000.

Deuses. Ao observarem a natureza, sem explicação técnico-científica para os fenômenos, deificavam os astros como o sol em diversas formas (Ra e Aton), animais como a leoa (Sekhmet, Pajet e Uadjet) ou o falcão (Hórus, Sokar e Rá), lhes atribuíram qualidades humanas; acreditavam que estes podiam se manifestar em estátuas de diversos materiais, em animais ou elementos da natureza.

Politeísmo. Cada pequeno povoado possuía seus deuses e com as constantes guerras e conquistas entre eles, ocorria a mistura de costumes, e o somatório dos deuses dos vencidos e dos vencedores, com a unificação política e social dos territórios alguns deuses como Osíris e Rá ultrapassavam as fronteiras do *nomos* e se tornaram adorados em todo o Egito.

Zeitgeist. No Antigo Egito não havia o conceito atual de clero, não existia corpo único sacerdotal, cada *nomos* possuía grupo de sacerdotes, autossuficientes, sem conexão entre si; os templos eram as residências dos deuses, não local de congregação das pessoas aos moldes de igreja, mesquita ou sinagoga, e possuíam em edifícios anexos escolas religiosas nas quais os sacerdotes aprendiam como servir aos deuses; não há único livro sagrado como a Bíblia, o Corão ou Torá, mas diferentes compêndios religiosos com entendimento próprio da origem do mundo, costumes religiosos e rituais.

Templo. A casa terrena dos deuses, portal de contato com o transcendental; edifício construído para o culto oficial, na qual se realizavam diversos rituais necessários para a manutenção da Maat ou equilíbrio da ordem divina, e para o culto aos dessorados; somente os sacerdotes iniciados eram permitidos no interior dos templos; o templo de Karnak chegava a contabilizar 80.000 sacerdotes.

RETROGRUPOPERFILOMETRIA

Definição. O *perfil* é a descrição de pessoa ou consciência fundamentada em características básicas, traços-força e traços-fardo, qualidades e defeitos (Vieira, 2004, p. 80).

Retrogrupoperfilometria. A Retrogrupoperfilometria é o estudo dos perfis dos grupos do passado, a partir da abordagem perfilométrica, aferindo as características básicas, holopensenometria, atributos, traços-força e traços-fardo.

Cotejo. A partir da análise retrogrupoperfilométrica é possível estabelecer análise conscienciométrica contrapontual com outros grupos e/ou indivíduos, permitindo ao interessado aprofundar a autopesquisa e fazer o cotejo atual com o grupo estudado a partir de análise retrogrupoperfilométrica.

Interrelações. Eis, por exemplo, na ordem alfabética, 20 temas básicos, populares, interrelacionados com a Perfilologia, evidenciando a complexidade do assunto: cara, caráter, característica, currículo, estilo, faceta, feitio, figura, fisionomia, individualização, índole, personalidade, rosto, semblante, ser, silhueta, temperamento, tendência, traço, visual (Vieira, 2013, p. 8.334).

Forma. Nos papéis desempenhados, o perfil pessoal se evidencia na especificidade da automanifestação. Cada qual tem perfil singular decorrente da forma própria de interagir, relacionar-se e expor-se. O perfil representa a síntese do modo específico da conscin manifestar-se e o grupo é a reunião de perfis individuais.

Estudo. Ao estudar a história da humanidade é possível identificar, em diferentes épocas, perfis grupais. O perfil apresentado aqui possui as características abaixo:

Sacerdotes Egípcios. Viviam transcendentalizadamente do intrafísico para o extrafísico, tinham como objetivo o culto aos deuses e aos dessomados e a manutenção do Maat. O perfil analisado está compreendido do período de aproximadamente 3000 a.e.c, até 30 a.e.c.

Sacerdotes. O Faraó-deus é o representante de todos os deuses na terra e dos homens entre os deuses; era o primeiro sacerdote, e pela impossibilidade física de officiar em todos os templos ao mesmo tempo, delegava essa responsabilidade aos sacerdotes, verdadeiros funcionários reais, cuja tarefa principal era satisfazer as necessidades do deus e dos dessomados.

Aquisição. A forma de aquisição da função de sacerdote varia durante os 3000 anos de história, poderia ser por indicação do Faraó, de sacerdotes de alta posição, de oficiais de alto escalão do governo (no antigo e médio reino); como herança de família; aquisição junto com a liderança do governo local; excepcionalmente papiros relatam a compra do cargo (Sauneron, 2016).

Grupo. Até o Novo Reino os sacerdotes formavam grupo descentralizado e autônomo, pouco numeroso e serviam ao templo apenas parte do tempo, depois de 1550 a.e.c, a estrutura sacerdotal passa a ser mais centralizada, com hierarquia mais rígida, e mais membros em serviço permanente (Sauneron, 2016).

Serviço. Homens e mulheres servem no templo em tempo integral ou rotativo-temporariamente (um mês a cada três meses); tinham poder e riqueza, recebiam rendas e parte das oferendas levadas aos templos e ao Faraó; eram letrados; constituíam família, casavam-se, tinham filhos; alguns foram mumificados e colocados em pirâmides (Ronda, 1998).

Hierarquia. Devido a constante acumulação de cargos e títulos era muito difícil o estabelecimento de divisão hierárquica, ressalte-se que a atividade variou em função da importância do deus, tamanho do templo e da posição política do povoado. Após 2134 a.e.c. a divisão hierárquica tornou-se mais rígida segundo a ocupação (constituição de castas) e identifica-se alto e baixo clero (Sauneron, 2016).

Vestimenta. Os sacerdotes hierarquicamente superiores vestiam-se com roupas especiais de linho e algodão, os de hierarquia inferior não se distinguiam da população; os sacerdotes *Sem* usavam pele de leopardo amarrada aos ombros; os *sacerdotes-leitores* eram reconhecidos pelos trajes característicos de bata e faixa larga colocada diagonalmente sobre o ombro (Redford, 2001).

Categorias. O cargo de sacerdote possuía várias categorias, exercidas ao mesmo tempo, em locais diferentes, cultuavam deuses diferentes, apesar de hierarquicamente estratificado registraram-se casos de as-

censão de cargos, sacerdotes *Wab* se tornaram com o tempo sumo sacerdotes. Abaixo lista-se as 6 funções sacerdotais mais encontradas (Redford, 2001).

1. **Sumo Sacerdote**, 1º profeta ou *Hem-Netjer*. Também conhecido como servo de deus ou profeta, era designado pelo Faraó e o representava nas cerimônias religiosas coletivas, dirigia as atividades econômicas dos templos, controlando os recursos e doações, e o liderava política e socialmente. Todos os sacerdotes do templo estão a serviço do mesmo (Redford, 2001).

2. **Wab** ou puros. Iniciados nos mistérios, possuíam qualidades necessárias a todos os sacerdotes, pureza especial, que os permitia estar em contato direto ou indireto com o deus, manejar objetos de culto e auxiliava o alto clero nas cerimônias sagradas, com acesso restrito a certas partes do templo, alguns chegavam a ser promovidos a sumo sacerdote; obedeciam às rígidas regras de purificação; distinguiam-se pela cabeça raspada; carregavam o deus durante a procissão (Redford, 2001).

3. **Leitores** ou *Hery-tep*. No Egito Antigo a palavra falada era carregada de magia, os sacerdotes leitores eram cultos, detentores da escrita, do saber e da interpretação dos textos sagrados; fundamentais e imprescindíveis em todas as cerimônias; oficiavam indistintamente em cultos divinos e funerários; detinham o conhecimento de feitiços e encantamentos (Redford, 2001).

4. **Sem**. Portavam as oferendas ao deus na cerimônia funerária de Abertura de Boca, no culto funerário e no culto diário à divindade nos templos; originariamente membros de altas classes associadas com a divindade funerária de Menfis, Ptah-Sokr; no período de Ramsés eram identificados pelas roupas, com pele de leopardo, alguns usavam *sidelock* na cabeça (Redford, 2001).

5. **Hntiw-s**. Frequentemente vistos como oficiais seculares associados aos templos, não entravam em determinadas salas, não viam a estátua cultuada do deus, participavam de algumas cerimônias e rituais, não conduziam as atividades nos funerais (Redford, 2001).

6. **Sacerdotisas** ou servas dos deuses – Desde os primórdios da civilização egípcia serviam nos templos das deusas e deuses, e especialmente às deusas femininas como Hathor, Neit, Bastet. A principal ocupação era agradar ao deus, como cantoras (*hsyt*), musicistas e dançarinas, mas há registros de médicas, escribas e grandes sacerdotisas (Redford, 2001).

Serialidade. O perfil consciencial não é moldado apenas em determinada vida humana, o conjunto de traços-força e traços-fardo, qualidades e valores manifestos pela consciência atualmente desenvolveu-se ao longo de muitas vidas.

Metodologia. Assim propõe-se metodologia para se estudar os perfis grupais do passado.

FUNDAMENTAÇÃO RETROGRUPOPERFILOMÉTRICA

Contextualização. A partir da contextualização histórica, pode-se fazer associações e paralelos, promovendo análise conscienciométrica do grupo histórico.

Fundamentação. O critério utilizado para a análise retrogrupoperfilométrica foi a correlação do holopensenograma, traços conscienciais, atributos e perfil dos sacerdotes.

Holopensenograma. “O holopensenograma é a análise, avaliação, cálculo, definição, estabelecimento, explicitação e mensuração minuciosa da atmosfera pensênica ou ambiente intrafísico fixador do conjunto de pensenes agregados ou consolidados, seja da conscin apenas ou de todo o grupo evolutivo” (Vieira, 2018, p. 12.126).

Fatuística. Sob a ótica da Pensenometria o holopensene dos sacerdotes egípcios tem as seguintes características:

Casuística. Modo de pensar (holopensene) dos Sacerdotes Egípcios.

a. **Pensamento.** Os sacerdotes acreditavam-se representantes dos deuses e do Faraó e responsáveis pela manutenção da ordem no mundo.

b. **Sentimento.** O sentimento transitava entre o binômio amor por servir os deuses / medo de sair da MAAT (deusa da verdade ou conceito da justiça, da retidão e da ordem, responsável pela manutenção da ordem cósmica e social).

c. **Energia.** A energia sustentada pelo sentimento citado para a manutenção da MAAT e da ordem da sociedade egípcia.

d. **Pensene predominante.** Transcendência.

Atributos. “O atributo consciencial é a capacidade faculdade, qualidade, propriedade, ou potencialidade da consciência, componente do conjunto pessoal da consciencialidade, da lucidez, da acuidade ou percuciência” (Vieira, 2018, p. 2130).

Análise. Sob a ótica da análise conscienciométrica dos Sacerdotes egípcios, eis por exemplo 7 atributos encontrados no perfil dos sacerdotes egípcios:

I. **Assistencialidade.** Segundo Vieira em retrocognições, o papel de sacerdote foi escola de interassistencialidade (Teles, 2014, p. 39).

II. **Autoconscientização Multidimensional.** Segundo Vieira em retrocognições, a ideia de vida após a morte desempenhou papel importante e influenciou a vida dos indivíduos no Egito Antigo (Teles, 2014, p. 37).

III. **Bibliofilia.** Os templos possuíam setor anexo onde os papiros sobre diferentes temas, relacionados a teologia, magia e ciência eram compilados, guardados, cuidados e consultados pelos sacerdotes (Redford, 2001, p. 71).

IV. **Liderança.** “Os iniciados formavam uma espécie de confraria de líderes, similar ao que hoje denominamos Colégios Invisíveis” (Teles, 2014, p. 39).

V. **Operosidade.** “Sacerdotes e sacerdotisas tinham muitas obrigações. Se eles trabalhavam nos templos, eles cuidavam das estátuas do deus ou do Faraó que vivia no templo” (Macdonald, 2008, p. 24).

VI. **Parapercepciologia.** “Em Deir el-Medina o oráculo funcionava através dos sacerdotes que atuavam de intermediários de deus. Os oráculos eram simplesmente um método para buscar a intervenção divina nas vidas humanas” (David, 2004, p. 250, 251).

VII. **Parapsiquismo.** “as práticas projetivas eram bastantes comuns entre os sacerdotes egípcios e, indicavam a capacidade do sensitivo em superar a morte e alcançar a sobrevida além-túmulo” (Teles, 2014, p. 37).

Trafor. “O trafor (tra + for) é o traço-força da personalidade da conscin, componente positivo da estrutura do microuniverso consciencial que impulsiona a evolução da consciência” (Vieira, 1996, p. 140).

Análise. Sob a ótica da Conscienciométrica, eis 7 exemplos de traços-força dos sacerdotes:

I. **Autoridade Transcendental.** Direito ou poder de ordenar, de decidir, de atuar, de se fazer obedecer. (Budge, 1997, p. 10 e 11).

II. **Comprometimento.** Tinham como obrigação, após a dessora do contratante, atender as necessidades do dessorado como se ele ainda vivo fosse, ou seja, levar alimentos e oferendas várias vezes por dia na capela funerária (Tallet, 2005, p. 56).

III. **Dedicação.** Os egípcios consideravam a estátua no templo como habitada pelo deus e cuidavam dela como se cuida de pessoa, no caso muito importante (Couto, 2008, p. 90).

IV. **Erudição.** A leitura e a escrita estavam quase inteiramente sob o monopólio dos sacerdotes, administravam as escolas e cuidavam das bibliotecas, portanto, eram os mais eruditos (livre tradução, White, 1970, p. 46).

V. **Intelectualidade.** De acordo com Elisa Castel Ronda, não é possível afirmar a intelectualidade a todos, mas encontramos sacerdotes versados em mitologia, escrita, geografia, história, medicina (Ronda, 1998, p. 2).

VI. **Higiene.** O hábito de tomar banho diariamente, raspar o corpo a cada três dias evidencia o quanto tinham apreço pela higiene (Herótodo, 2016, p. 43).

VII. **Liderança Transcendental.** Dominavam a projeção a magia e a capacidade que *conferiria ao falecido o poder de transformar um corpo corruptível num corpo incorruptível* (Budge, 1997, p. 10 e 11).

Trafar. Trafar (tra + far) — Traço-fardo da personalidade da conscin; componente negativo da estrutura do microuniverso consciencial que a consciência ainda não consegue alijar de si ou desvencilhar-se até o momento, impedimento à evolução consciencial (Vieira, 1994, p. 59).

I. **Misticismo.** Os sacerdotes para entrar em contato com os deuses passavam por ritos de iniciação. “Em suma, a iniciação implicava sempre um nascimento para uma vida divina. O modelo deste ‘parto’ era decalcado do modelo real de iniciação” (Souza, 2009, p. 101).

II. **Manipulação.** “Um dos maiores equívocos da classe parapsíquica egípcia foi seu envolvimento excessivo na vida política e nas altas esferas do poder de sua nação. Esse envolvimento fez com que em muitos momentos o sacerdócio perdesse o foco, dando mais importância à rotina da administração pública e ao jogo de poder característico dessa atividade do que à evolução consciencial e à interassistência” (Schneider, 2019, p. 168).

III. **Severidade.** “Ao longo da vida, os iniciados iam subindo de nível, passando por provas novas. Algumas das provas pelas quais tinham de passar eram severas, e exigiam grande força de vontade, esforço pessoal, resistência física e mental. Entre elas estavam longos jejuns, dor autoimposta voluntariamente, enterros rituais, noites passadas no frio, dentre outros, que frequentemente, levavam alguns à dessora prematura” (Schneider, 2019, p. 163).

IV. **Tradicionalismo.** “En la indumentaria se refiere, les estaba prohibido usar materiales (lana o cuero) procedentes de animales vivos. Al parecer creían que estas ropas podían contaminar la pureza del santuario del dios, aunque se ignora la razón de esta creencia” (David, 2004, p. 177).

V. **Senso de superioridade.** “Isso denota um elevado nível de arrogância e sentimento de superioridade por parte dos iniciados, pois no fundo, eles se sentem melhores ou superiores aos outros, considerados profanos e leigos” (Schneider, 2019, p. 168).

VI. **Síndrome da dominação.** “Mas a finalidade da magia egípcia era proporcionar ao homem os meios de obrigar tantos os poderes propícios quanto os impropícios, e até, numa época ulterior, o próprio deus, a fazer o que ele quisesse, estivessem ou não dispostos a fazê-lo” (Budge, 1997, p. 10).

VII. **Deificação.** “No final das contas, cada egípcio possuía sua divindade de predileção. Todo clã possuía sua divindade protetora e a força dessa divindade era diretamente proporcional à força política da família que a adorava; todo nomo possuía sua divindade representante, na medida em que esse *nomo* adquiria influência regional” (Schneider, 2019, p. 158).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Técnica. As variáveis conscienciométricas como o holopenograma, atributos, traços forças e traços fardos, mapeiam a retrogrupoperfilometria, no entanto é necessário para maior aprofundamento analisar variáveis como valores, *modus operandi*, entre outros.

Passado. Para o autopesquisador é importante olhar para trás e entender como foi o desenvolvimento evolutivo com base no funcionamento do perfil do grupo estudado, pois pode-se verificar onde deram-se os acertos, os pontos a serem melhorados, e possíveis travões manifestos atualmente na Conscin.

CI. Importa ressaltar o curso intermissivo (CI) como divisor na evolução da consciência, embora existam vários traços e atributos desenvolvidos desde o Egito Antigo, o prioritário é o momento atual. O aproveitamento da lucidez propiciada pelo CI possibilita a valorização do aprendizado evolutivo no decorrer da convivência com outros grupos e contextos ao longo da história da consciência.

Autopesquisa. O Conscienciólogo ao realizar autodiagnósticos técnicos amplia o entendimento das qualidades e traços repetidos ao longo do processo evolutivo. O estudo dos perfis grupais do passado proporciona maior aprofundamento autoconscienciométrico, apontando as Recins prioritárias.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

01. **Budge**, E. A. Wallis; *Magia Egípcia (Egyptian Magic)*; trad. Octavio Mendes Cajado; 146p.; VII caps.; editora Cultrix/Pensamento; São Paulo; Brasil; 1997, páginas 10, 11.
02. **Couto**, Sérgio Pereira; *Desvendando o Egito*; 128 p.; 9 caps.; editora Universo dos Livros; São Paulo; Brasil; 2008, página 90.
03. **David**, Rosalie; *Religión y magia en el Antiguo Egipto*; 394 p.; 9 caps. editora Crítica; Barcelona; España; 2004, página 177, 250, 251.
04. **Heródoto**; *Histórias: Livro II, Euterpe*; Tradução, Introdução e Notas Maria Aparecida de Oliveira Silva; 159 p.; Edipro; São Paulo; Brasil; 2016, página 43.
05. **Mcdonald**, Angela; *The Ancient Egyptians: Their Lives and Their World*; Publisher: British Museum Press, 2008, página 56.
06. **Redford**, Donald B.; editor in chief; *Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*; volume 3; New York, USA; 620p.; 2001, pagina 68 a 73.
07. **Ronda**, Elisa Castel; *Los Sacerdotes en Antiguo Egipto*; 331p.; XVIII caps.; Aldebarán ediciones; España; Madrid, 1998, página 2, 21.
08. **Sauneron**, Serge; *Priest of Ancient Egypt*; Evergreen profile Book by Grove Press, Inc. New York; 2016; página 9 a 113.
09. **Schneider**, João Ricardo; *História do Parapsiquismo: Das Sociedades Tribais à Consciencologia*; 866 p.; 27 caps.; Editares; Foz do Iguaçu; Paraná; Brasil; 2019, páginas 153 a 170.
10. **Souza**, Rogério; *Iniciação E Mistério No Antiguo Egipto*; Ésquilo; Lisboa, Portugal; 2009, Página 101.
11. **Tallet**, Pierre; *História da Cozinha Faraônica: A Alimentação no Egito Antigo*; tradução de Olga Cafalchio; 231p.; Editora Senac; São Paulo; Brasil; 2005, página 54.

12. **Teles, Mabel; Zéfiro: A Paraidentidade Intermittiva de Waldo Vieira;** 240p.; 14 caps.; Editares; Foz do Iguaçu; Paraná; Brasil; 2014, páginas 37 a 39.

13. **Vieira, Waldo; Org.; Enciclopédia da Conscienciologia;** apres. Coordenação da ENCYCLOSSAPIENS; revisores Equipe de Revisores da ENCYCLOSSAPIENS; CLXXIV+23.004 p.; 1.112 citações; 11 cronologias; 33 E-mails; 206.055 enus.; 602 especialidades; 1 foto; glos. 4.580 termos (verbetes); 701 microbiografias; 270 tabs.; 702 verbetógrafos; 28 websites; 670 filmes; 54 videografias; 1.087 webgrafias; 13.896 refs.; 9ª Ed. rev. e aum.; Digital; Associação Internacional de Enciclopediologia Conscienciológica (ENCYCLOSSAPIENS); & Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; páginas 2130 e 12126.

14. **Idem; 700 Experimentos da Conscienciologia;** 1.058 p.; 40 seções; 100 subseções; 700 caps.; 147 abrevs.; 1 cronologia; 100 datas; 1 E-mail; 600 enus.; 272 estrangeirismos; 2 tabs.; 300 testes; glos. 280 termos; 5.116 refs.; alf.; geo.; ono.; 28,5 x 21,5 x 7 cm; enc.; Instituto Internacional de Projeciologia; Rio de Janeiro, RJ; 1994, página 59.

15. **Idem; Conscienciograma: Técnica de Avaliação da Consciência Integral;** revisor Alexander Steiner; 344 p.; 150 abrevs.; 106 assuntos das folhas de avaliação; 3 E-mails; 11 enus.; 100 folhas de avaliação; 1 foto; 1 microbiografia; 100 qualidades da consciência; 2.000 questionamentos; 100 títulos das folhas de avaliação; 1 website; glos. 282 termos; 7 refs.; alf.; 21 x 14 cm; br.; Instituto Internacional de Projeciologia; Rio de Janeiro, RJ; 1996; páginas 8 a 16.

16. **Idem; Homo Sapiens Reurbanisatus;** revisores Equipe de Revisores do Holociclo; 1.584 p.; 24 seções; 479 caps.; 139 abrevs.; 12 E-mails; 597 enus.; 413 estrangeirismos; 1 foto; 40 ilus.; 1 microbiografia; 25 tabs.; 4 websites; glos. 241 termos; 3 infográficos; 102 filmes; 7.665 refs.; alf.; geo.; ono.; 29 x 21 x 7 cm; enc.; 3ª Ed. Gratuita; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; 2004, página 80.

17. **White, J.E. Manchip; Ancient Egypt its Culture and History;** 217p.; 48 caps.; Editora Dover, New York, Usa, 1970, página 46.

MINICURRÍCULOS

Flavio Camargo é bacharel em Administração. Voluntário da Conscienciologia desde 2004. Docente da Conscienciologia desde 2007. Tenepessista desde 2011. Verbetógrafo da *Enciclopédia da Conscienciologia*.

Leonardo Silva é bacharel em Informática. Especialização em Gestão Financeira e Gerência de Projetos. Voluntário da Conscienciologia desde 1998. Docente da Conscienciologia desde 2005. Tenepessista desde 2010. Verbetógrafo da *Enciclopédia da Conscienciologia*.

Patrícia Patrício é bacharel em História e Direito. Pós-Graduada em Direito Civil e Direito Processual Civil. Voluntária da Conscienciologia desde 2012. Docente da Conscienciologia desde 2013. Tenepessista desde 2012.

